

O CONGRESSO GRÁFICO

Os congressos são sempre uma manifestação de vitalidade da classe operária. Antigamente a realização dum congresso era uma raridade, um facto assombroso que ficava gravado na memória de todos durante anos seguidos. Raras eram as classes que tinham possibilidade, ou melhor, vitalidade para organizar uma reunião dessa natureza. Dentro das classes não existiam os elementos suficientes e esclarecidos para compor uma assembleia decente.

Hoje, as classes operárias, desde as mais rudes às de mais delicadas profissões, albergam já no seu seio elementos bastantes e capazes para promover periodicamente os seus congressos corporativos.

Em todos eles se discute já com largueza de vistas e, salvo raras excepções, com muita elevação não só os problemas profissionais como os morais e sociais que mais interessam à nossa época.

O próximo mês vai ser assinalado por várias e importantes reuniões dessa natureza. Além do Congresso Confederal, realizar-se-ão os dos Operários Têxteis, dos Rurais e dos Gráficos, todos eles quasi ao mesmo tempo.

Este último já tem as suas teses publicadas no órgão da Federação — *O Gráfico* — e para elas chamamos a atenção do operariado, e dos componentes da indústria gráfica em especial.

Entre as teses avulta uma de grande importância: "Sindicato da Indústria Gráfica baseado nos Comités de Oficina e de Secção e nos Conselhos de Secções e Técnicos."

Bem, elaborado esse trabalho requer um estudo aturado, pois se fosse aplicado à prática traria, sem alterar o sentido emancipador do sindicalismo, profundas modificações à estrutura da organização.

Nessa tese se encara o proletário na sua dupla função social — de produtor e de consumidor. Abstemo-nos de nos pronunciar sobre este assunto, embora não ocultemos a nossa simpatia pela comissão organizadora que o vai levar à discussão. E abtemo-nos de nos pronunciar porque, coerentes com os nossos princípios sindicalistas, entendemos que a classe gráfica cabe primeiro do que ninguém discutir questões que lhe interessam directamente.

A comissão organizadora do Congresso Gráfico tem trabalhado com denodo pelo bom êxito da magna reunião, e sabemos que no seio da classe reina um salutar entusiasmo que mais uma vez confirma as suas belas tradições de energia, de inteligência e de vontade de fazer progredir a classe operária no sentido da sua emancipação.

Notas & Comentários

O Demónio descendente

Escreve-nos a comissão dos festejos anuais da Nossa Senhora do Cabo em Linda-a-Velha, pedindo-nos a fôrça de publicarmos a notícia dos referidos festejos. Consta a paragem, crista de encostas pagãos, tais como arrastal, cavalhadas, jogos desportivos e fôga de artifício. Haverá música de nove bandas e Bata distribuirá pela multidão a sua esplendorosa alegria. Como a comissão vê, nós, os ateus, não tivemos parte em dar destaque a uma notícia que está fora dos nossos princípios. Tudo isto para ser agradável aos nossos adversários. Daqui devem os piedosos organizadores da pândega tradicional inferir que o Demónio, criatura simpática, neste caso representado por nós, é muito mais descendente do que o Padre Eterno. Um jornal católico não seria capaz de dedicar uma única linha a uma festa revolucionária...

Portugal e o Brasil

Se as nações se representassem no estrangeiro pelas pessoas que dão bons sócios nos negócios do seu semelhante, Portugal teria a esta hora subido mais um furo no cume das nações. Tavares Crespo, "boxeur" português, acaba de esmorrar o nariz ao campeão da armada brasileira. Soubemos de muitas pessoas que deliraram de patriotismo ao ler conhecimento da notícia. Não sabemos se essas mesmas pessoas repararam que Portugal vai tendo cada vez menor ascendente espiritual sobre o Brasil e que os escritores portugueses já lá não despertam curiosidade.

Impotência

O Protesto, órgão socialista, informava os seus leitores de que "vai caindo aos bocados essa coisa que os anarquistas contrapõem à organização e acção socialista". Conviém esclarecer que por essa coisa entendem os socialistas a C. G. T. Chamam-na ainda o órgão da falência dos anarquistas e elucida, muito contente, que não nos poderemos acusar os socialistas de com a

Foi convocado em França pelos unitários um congresso inter-confederal

Especulando com o desejo sincero das massas trabalhadoras de realizar a unidade sindical, a C. G. T. "desunitária" francesa convocou um congresso inter-confederal de "unidade" para 30 e 31 de Agosto corrente, em Paris, no qual espera simplesmente arranjar, pelos seus costumes processos de captação, mais uns adeptos para o partido comunista.

Foram dirigidos convites à velha C. G. T., à Federação dos Funcionários, a todos os sindicatos e organizações filiadas nas duas C. G. T. e aos sindicatos autónomos. Da União Federativa parece que se esqueceram, embora falem em sindicatos autónomos, talvez por considerarem os seus membros menos susceptíveis de se prestarem às manigâncias dum partido político, que — como todos os outros — descrente da força criadora das massas, só pensa em conquistar o poder, para depois "emancipar" a classe trabalhadora.

A C. G. T. Unitária tinha proposto que este congresso fosse convocado sob a égide dum comité inter-confederal, constituído pelos representantes dos Conselhos e Comissões executivas das duas C. G. T., suas "dirigentes da velha C. G. T.", tão hábeis na política como os discípulos de Lênine, percebendo-lhes o jogo, acham melhor pôr-se de largo.

Para não os assustar a C. G. T. U. fez a seguinte declaração: "A C. G. T. Unitária e as suas organizações declaram-se prontas a submeter-se às decisões do congresso inter-confederal e a fundir-se no seio dum C. G. T. única, reconstituída segundo as bases determinadas por este congresso."

"A C. G. T. U. tem a declarar de novo que não prossegue nenhum fim de pôr os sindicatos e organizações confederadas partidárias da Unidade numa situação de rutura com as suas organizações centrais, às quais estão actualmente aderentes."

Mas, a-pesar-desta tão manifesta "boa vontade", parece que os chefes reformistas da C. G. T. mantêm-se numa atitude de desconfiança, o que é natural, visto que melhor do que ninguém conhecem estes as manhas dos políticos.

As duas C. G. T. vão realizar os seus Congressos Confederais do dia 26 a 29 do corrente, e em seguida a estas duas assembleias magnas é que a C. G. T. U. deseja realizar o Congresso inter-confederal.

A questão da China

Uma conferência em Pequim

PEQUIM, 26. — Os Estados Unidos e a Inglaterra aceitaram já o convite que lhes foi formulado pelo governo chinês para a reunião dum conferência de tarifas, em Pequim, a 20 de Outubro próximo.

O corpo diplomático chegou a acordo sobre o texto da resposta a dar às últimas notas do governo chinês sobre os tumultos de Xangai e outros acontecimentos.

Congresso de Protecção à Infância

GENEVA, 26. — Eleitou-se ontem a sessão inaugural do Congresso de Protecção à Infância, estando representadas todas as nações da Europa, os Estados Unidos e a República dos Soviéticos.

sua "oposição" terem contribuído para a ruína da organização operária.

É realmente os socialistas nestes últimos anos — nem mesmo quando imperavam nos Baixos Sociais — nunca puderam fazer-nos oposição que, assumisse. "Essa coisa" a que chamam o Partido Socialista não pode felizmente com uma rata pelo rabo. Se pudessem... Deixá-los lá manifestar por palavras rancorosas a sua impotência...

A falta de água

Agora, durante a estação calmosa, os incêndios registam-se com enorme frequência. Está naturalmente indicado que precisamente nesta época a abundância de água em toda a cidade seja maior do que no inverno. Existe uma Companhia comprometida por contrato a fornecer essa água — o que não existe é a água.

A atitude da Federação Marítima para com a Central Operária

Não viria ocupar algum espaço à *Batalha* se não fosse a forma parcialíssima com esta questão tem sido tratada em público, tanto na imprensa burguesa como nos órgãos moscovitários. Aquela por ignorância e má fé, e estes últimos para levarem a água ao seu moinho... divisionista.

Quando o conselho federal da Federação Marítima resolveu cortar as suas relações sindicais com a Central operária, isolando os trabalhadores marítimos das outras classes operárias, não fez mais do que criar a scissão que deveriam querer evitar a todo o transe. Nessa reunião o delegado do sindicato dos Marinheiros e Moços no intuito de evitar que a scissão atingisse também a própria Federação Marítima enviou para a mesa um documento, que foi aprovado por unanimidade, para que os sindicatos ficassem a pagar \$85 que era a parte que cabia à Federação a fim de tornar possível aos que estivessem em desacordo com a resolução tomada continuarem na C. G. T.

Mas, como depois reconheceram que tinham feito má política com a sua resolução que tornava possível que a maioria dos sindicatos continuassem aderentes à C. G. T., desmanchando os seus intentos divisionistas, saltaram por cima dos próprios estatutos federais aprovando no conselho federal uma moção, enfeitada com projectos de balneários, escolas e bibliotecas, a fim de aumentarem a cota de \$85 para \$150. Este aumento visava claramente a evitar que os sindicatos continuassem na C. G. T. Sabem perfeitamente os militantes que predominam na Federação Marítima que devido à sua estrutura profissional a maioria dos sindicatos marítimos têm necessidade de estar ligados por meio daquele organismo. E foi com essa necessidade que eles habilitadamente especularam, procurando tirar dela o máximo proveito para os seus deploáveis objectivos.

Os sindicatos que, embora partidários da Internacional de Moscúvia, continuam coerentes com as suas afirmações pró-unidade sindical, ficam assim impossibilitados de manter a sua atitude, devido à sua situação financeira. A última resolução do conselho federal pôs a estes sindicatos o dilema de optarem pela Federação Marítima ou pela C. G. T.

Com a aprovação da referida moção não se tinha senão em mira fazer passar o aumento da cota, pois toda a matéria nela contida está a cargo da comissão de Estatística, Instrução e Educação que faz parte dos corpos gerentes da Federação, conforme foi deliberado no último congresso realizado em Aveiro.

Os sindicatos marítimos devem destruir esta manobra divisionista.

Na penúltima reunião houve um delegado que atacou o Conselho Jurídico da C. G. T. por este ter cortado o subsídio aos presos sociais dos sindicatos marítimos, quando os mesmos estavam pagos até ao fim do mês, chegando-se a resolver que o dito subsídio fosse descontado no expediente que a Federação Marítima deve pagar à C. G. T. Ora a C. G. T. resolveu que se continuasse a pagar o subsídio até que os sindicatos se pronunciassem.

O secretário geral da Federação Marítima, numa circular enviada aos sindicatos em que se comunicava as resoluções tomadas pelo conselho, dizia que o auxílio aos presos sociais dos sindicatos marítimos, quando os mesmos estavam pagos até ao fim do mês, chegando-se a resolver que o dito subsídio fosse descontado no expediente que a Federação Marítima deve pagar à C. G. T. Ora a C. G. T. resolveu que se continuasse a pagar o subsídio até que os sindicatos se pronunciassem.

Ve-se claramente com esta comunicação que se pretende jogar com a situação dos camaradas que não podem dizer da sua justiça sobre tudo o que se vem passando. Sub-entende-se que, tendo o secretário geral tomado tal resolução como Conselho o declarou, devia dar contas ao Conselho o que tinha feito. Todavia nem sequer na circular se dizia que a resolução fora apenas tomada por ele, nem no Conselho assim se procedeu. Só depois de lhe ser pedido que fizesse a comunicação que enviou aos sindicatos é que se dignou fazê-lo, dando então explicações que, embora tivessem o apoio da maioria, não destruíram que tivesse comunicado aos sindicatos uma resolução que não tinha sido sancionada senão por ele...

Um gesto altivo!

Da direcção da Associação dos Descarregadores de Mar e Terra de Lisboa recebemos a declaração que passamos a publicar:

Tendo nós verificado a forma alveiosa e agressiva com alguns componentes da associação se conduziram durante a assembleia geral para apreciar a estranha atitude que a Federação Marítima assumiu para com a C. G. T., vimos por meio do nosso jornal declarar que não nos movem nenhum interesse material ao aceitarmos a direcção deste sindicato. Simplesmente como trabalhadores conscientes desejávamos que a organização operária portuguesa fosse homogênea e forte, de maneira a poder impor-se ao inimigo comum.

Quando aqueles que incorrectamente se portaram para que a moção que suspendera as relações com a C. G. T. fosse aprovada, passando o obstruccionismo aos ataques pessoais, convidamo-los a que tomessem conta dos nossos cargos para o que apresentamos colectivamente a nossa demissão.

A comissão administrativa: Egídio dos Santos, presidente; Carlos Rodrigues, 1.º secretário; Artur da Silva, 2.º secretário; João Pires, vogal; Joaquim Tomé Lopes, delegado.

Ler a revista gráfica RENOVACÃO

Reclama-se o imediato regresso à metrópole dos deportados sem julgamento

Quando o Conselho Jurídico foi junto do actual presidente do ministério reclamar o regresso à metrópole de todos quantos foram iniquamente deportados, este foi perentório nas suas declarações. Não citou o "odioso correligionário" Vitorino Godinho, mas soube dizer que não estava de acordo com as deportações porque elas estavam fora de todos os princípios de justiça. E nessa declaração não usou de frases ambíguas; foi transparente, foi claro, foi decisivo.

Começou logo por saudar categoricamente a água do seu capote declarando que não fora ele quem ordenara as deportações. E foi mais além quando acrescentou que nunca praticaria ou apoiaria um acto semelhante.

O sr. Domingos Pereira afirmou pois que os seus processos nada tinham de comum com os do seu sinistro correligionário Vitorino Godinho. Não havia, portanto, outra coisa a esperar do sr. Domingos Pereira senão a anulação imediata do crime praticado por um ministro vesano e impulsivo.

E assim o sr. Domingos Pereira que fala ao Conselho Jurídico. Mas como dos actos e não das palavras das pessoas é pelos actos e não pelas palavras que devemos medir o sr. Domingos Pereira e julgá-lo.

Quer a uma revisão dos processos. Isso estaria bem se alguém lhe tivesse reclamado a revisão dos processos, ou se ela, neste momento, tivesse qualquer espécie de interesse.

Não se discutiu a maneira como os processos foram organizados pelo famoso Sherlock, pelo inculto Catão de pechisbeque, natural de Runa, que é o xefe Xavier. Interessa-nos mediotamente, neste momento, a maneira torpe como o Catão natural de Runa, o "homem que salta a pés juntos sobre as sindicâncias, organizou os processos. Isso não é a questão principal; é apenas um caso secundário, secundaríssimo mesmo.

Nós não queremos julgar os processos vergonhosos de que se serviu o xefe Xavier para fornecer o número de vítimas que esse indivíduo asqueroso que é Vitorino Godinho lhe exigiu.

Entre a reputação péssima desse fãdo moral, chefe dum quadrilha de agentes de investigação e a vida dos deportados não podemos hesitar.

O que nós pretendemos é que seja reparada a arbitrariedade que o Vitorino Godinho ordenou; o que nós pretendemos, o que todo o operariado pretende, como já exuberantemente o afirmamos, é que os deportados regressem à metrópole. E pretendemos, em nome do operariado, que eles regressem, não já para que uma arbitrariedade seja reparada, mas principalmente para salvar a vida dos que se encontram em Cabo Verde e na Guiné.

Não tivemos ilusões sobre a intenção de quem ordenou as deportações. Vitorino Godinho sabia perfeitamente que quando mandou executar essa rancorosa medida de excepção, não se limitaria a deportar para a África. Sabia que tinha conseguido a sentença de morte, estava convencido de ter conseguido de que tinha conseguido implantar a pena de morte num país que já a abolira há muitos anos!

Vitorino Godinho sabia que um dia viria em que seria ordenado o regresso à metrópole de todos que mandara iniquamente deportar. Sabia — mas não se incomodava com essa reparação. E que ele estava convencido de que a reparação quando fosse determinada, seria inútil por tardia. O clima, os maus tratos, a miséria e a fome se encarregariam de transformar os deportados em cadáveres. E assim, quando a hora da justiça soasse os deportados já não eram deste mundo; estariam dormindo o sono eterno em cemitérios precários e improvisados.

Ninguém tem o poder de dar vida aos mortos. E diante desta impossibilidade toda a reparação era inútil. Vitorino Godinho triunfava — e os deportados morriam em África.

Até aqui os cálculos de Vitorino Godinho estão certos e o seu pensamento teve a cruel, a mortal materialização que ele desejava. Já há deportados que não podem regressar à metrópole, que ficarão sepultados nas plagas africanas.

O sr. Domingos Pereira não pode ordenar já o regresso de Manuel Tavares porque este operário morreu. Não pode ordenar o regresso de João Carneira porque João Carneira já expirou. Não pode ordenar o regresso de Manuel Duarte porque este já foi a enterrar longe de sua família, longe dos seus amigos, longe da terra em que nasceu e que não mais voltou a ver.

Só poderia mandar regressar os seus cadáveres decompostos para os expor e mostrar o aspecto macabro a que Vitorino Godinho reduziu as suas vítimas. E isso não o fará... Dentro de pouco tempo outros deportados morrerão e terão a Guiné ou Cabo Verde por sepultura. E mais uma vez o banditismo cobarde e ministerial de Vitorino Godinho triunfará.

E, agora, com desassombro perguntamos: Quem é o sr. Domingos Pereira? O homem que quer reparar uma injustiça? Ou é o cúmplice dissimulado mas fiel de Vitorino Godinho?

Para se tirar uma conclusão não é preciso esperar muito. Se a demora, se a inexplicável demora do sr. Domingos Pereira se prolongar não teremos rubico em confessar que estamos diante dum comediante consumado.

E assiste-nos razão quando assim falamos visto que para ordenar o regresso dos deportados basta um simples telegrama.

Também correu o boato em Madrid sobre o atentado contra Afonso XIII

E já notório que em situações anormais, como as que a Espanha hoje atravessa, não se pode prescindir dos boatos como fonte de informação.

O que se diz nos cafés e círculos de toda a espécie, umas vezes baixinho e outras em voz alta, deve ser notado pelo jornalista, não só porque o boato é a única coisa que nos resta neste momento, mas também porque, muitas vezes, num boato se encontra uma grande verdade.

Donde emanam essas notícias sensacionais que súbitamente se avolumam e penetram com a luz por todos os interstícios? Quasi nunca se sabe; no entanto pode-se afirmar desde já que em qualquer boato dum povo acerca da sua própria vida se encontra sempre um facto que o justifique.

Um dia disse-se que em Marrocos era grande a carnificina, que no governo existiam desacórdos, que Afonso XIII dissera ou fizera tal coisa em desdouro dos generais que o cercavam e pouco depois os factos vieram confirmar esses boatos.

O interessante não é como brota e se difunde a notícia, mas, sim, como e por onde ela surge.

Quando apoz o desastre de Annual se pretendeu resgatar os prisioneiros e Abd-el-Krim exigiu quatro milhões de pesetas, o Afonso XIII de Bourbon teve a frase mais infeliz de toda a sua vida:

— Como é cara a carne de galinha! —

Pouco tempo depois este dito era conhecido em toda a Espanha.

Quem o difundiu?

Não se acredita facilmente que o rei o tenha dito a qualquer dos seus conselheiros e ainda menos que, se o dissesse, estes tenham propagado a brutalidade.

Dizemos tudo isto a propósito de uma notícia que estes últimos dias circulou em Madrid. Diz-se que Afonso fora vítima dum atentado de que resultou ser ferido num braço, e que em consequência do atentado morreria o ajudante que o acompanhava e o "chauffeur" que guiava o automóvel.

De todo este boato o que ficou como certo foi a detenção de alguns anarquistas em Santander, onde se disse que o atentado fora cometido.

Se o boato é certo ou não ignoramo-lo, mas no caso de o ser é para lastimar, não seria para admirar visto tratar-se o causador das desgraças deste país de escravos e de eunuocos.

Madrid — Agosto, 925.

Luís de ARAMIS.

De Paris a New York dum vôo

PARIS, 26. — Os capitães Tarascon e Coly, estão fazendo os últimos preparativos para a tentativa do vôo Paris-New York sem escala, num biplano de 500 cavalos de força.

Se o vôo for coroado de êxito receberão o prémio de 25.000 dólares instituído por Raymond Orteig, cidadão francês residente em New York.

A Universidade Popular Portuguesa agradece a colaboração de "A Batalha"

Da Universidade Popular Portuguesa recebemos o cativante ofício que nos apresentamos a publicar:

Sr. Director do Jornal "A Batalha". — Encerrado o ano de trabalhos desta Universidade, que em Outubro recommençará a sua acção educativa, é-nos grato vir por esta forma, testemunhar a v. o profundo reconhecimento deste Conselho pelo acolhimento que tem dado, nas colunas do seu jornal, às notas informativas da Universidade Popular, contribuindo assim para tornar conhecidas dos sócios desta instituição e do público em geral, as manifestações pela mesma Universidade levadas a efeito.

Com os protestos da nossa elevada consideração, confessamo-nos, etc., Pelo Conselho Administrativo, Alexandre Vieira, (Delegado para as Secções).

que quem a desempenha é um comediante consumado.

E assiste-nos razão quando assim falamos visto que para ordenar o regresso dos deportados basta um simples telegrama.

Agora para esperar que eles morram — basta proceder como o sr. Domingos Pereira até agora tem procedido.

Dizer que as deportações são uma infâmia não basta. O que é preciso é mandar regressar imediatamente os deportados. Que o sr. Domingos Pereira se não esqueça que não tem o poder de dar vida aos mortos e que a sua demora em reparar uma injustiça equivale a deixar assassinar as vítimas desse repugnante carrasco que se chama Vitorino Godinho.

As manobras da "Samorense" contra o autor da campanha não colhem

Temos deixado em descanso a *Samorense* durante alguns dias, o que tem feito com que alguns já esfreguem as mãos de contentes por tal silêncio.

E que queríamos ver se do ministério da Instrução surdia alguma nota oficiosa sobre a escola que a *Samorense* obrigou a fechar, ou se o sr. Silva Barreto dizia algo sobre assunto tão grave, se *O Século* dizia também de sua justiça; enfim, queríamos ver.

Mas o ministro ha-de ter mais em que pensar, o sr. Silva Barreto precisa das férias para descansar, e *O Século*, a-pesar-de se tratar dum obra da sua louvável iniciativa, parece-nos que não é capaz de condenar o facto, exactamente por se tratar de uma *Moagem*. E que o carácter das gazetas anda com o carácter dos homens que as dirigem; e o destes muda com a entidade de que lhes paga.

Mas, a propósito da *Samorense*, *Limit.*, cabe aqui, porque cremos não a ter feito ainda, uma declaração importante para as pessoas que nós não conhecemos.

Parece que em Samora Correia corre pelos centros de cavaco que a nossa atitude perante os dois colossos que exploram, envenenam e trucidam esta pobre gente, mantendo-a na mais criminoso subversência, é nascida do despeito por não nos ter sido facultado um emprêgo por nós pedido à *Samorense* aí por 1921 ou 1922 se não estamos em erro.

Ora nós vamos pôr os pontos nos ii para fechar os dentes aos defensores dos potentados que, diga-se de passagem, nada mais têm que nos lançar em rosto, quer na nossa vida pública ou particular, que já conta mais de duas dezenas de anos.

Encontrando-nos um dia nesta vila, a que de há muito nos liga uma justificada simpatia, fomos visitar as instalações da *Samorense* que se incutia como um importante melhoramento para esta terra. Recebidos por um dos sócios, o padre Pedro Felício Ferreira Tobias, e ouvindo a explanação de todo o seu sonho ao lançar as bases de *um importante melhoramento*, como fosse o desejo de beneficiar esta gente com pão melhor e mais barato, fazer uma intensiva criação de suínos e galináceos, o que havia de, por certo, embeatear a vida, e a construção dum grande bairro operário para todos os empregados da fábrica, como se todos eles constituíssem uma família que se anilhasse a sombra protectora da grande empresa, a criação de cooperativas, o fabrico de massas, bolachas e biscoitos, etc., ficamos deveras encantados e reduzimos todas as nossas impressões a uma entrevista que dirigimos ao *Diário de Notícias*, jornal que então parecia interessar-se muito pelo desenvolvimento industrial após a guerra.

O *Diário de Notícias*, que ainda então não era o órgão oficioso da *Moagem*, achou muito interessante a entrevista; mas, como se tratava dum empresa particular, só a publicaria a tanto por linha.

Ao receber essa comunicação e a entrevista devolvida entreguei tudo ao padre Tobias, para que ele ficasse sabendo que eu tinha tomado na devida conta a carreada de promessas que da sua boca ouvira e até tinha procurado registá-las nas colunas de um jornal. E, de mais, poderia ele querer pagar a publicação...

Sempre nas melhores relações com toda a gente da *Samorense*, e vivendo mais que modestamente do meu ordenado como professor da Escola P. Superior de Santarém onde residio, lembrei-me de que, sem falta aos meus deveres e sem quebra da minha dignidade, poderia encarregar-me, mediante uma pequena percentagem, de colocar em Santarém e arredores os produtos das fábricas e assim o propuz ao escritório da *Samorense*. Responderam-me que, tendo a *International Mercantile Lda* depositado em Santarém, e sendo a *Samorense* uma sua associada, não podiam nomear agente ou comissário em Santarém.

Eis o meu crime, cometido quando eu ainda julgava que a *Samorense* era, de facto, um melhoramento para esta terra, visto que ela ainda não tinha esmagado braços a crianças, ainda não tinha inutilizado uma escola, nem ainda tinha fornecido farinha póbre, nem tampouco nesse tempo fazia ainda distribuições de arroz pelos soldados da guarda.

Foi um crime o meu acto?

Está confessado, e acto confessado não merece castigo.

Não têm os diensores da *moagem* outro crime maior para me lançar em rosto. Eu creio que, aos olhos das pessoas sensatas, tudo o que acabo de narrar não é de envolvergonhar seja quem for.

Agora ficam os tartifos enfiados e parvos de que da *Samorense* engordam, autorizados a trazer para as lojas de barbeiro a correspondência quer sobre o assunto, dizem ter arquivada. Que tragam!

Eu vivo do meu emprêgo público, conquistado por fôrça dos meus diplomas. Não posso nem de longe comparar-me com esses que, a não existir a *Samorense*, teriam que andar guiando uma carroça ou guiando as vagonetas da *senhora* companhia, visto que não possuem diplomas para mais, enquanto que outros que hoje puxam o volumoso abdômen escarros fortes e grossos, já não teriam talvez quem lhes trasse um pão, a-pesar-da sua proverbial sabujise e rasteirismo.

Creio ter respondido aos patetas que têm medo de que os meus desprezíveis artigos abalem os alicerces da poderosa *Samorense*, reduzindo-os à quasi miséria donde saíram. Descansam. Bolas de papel não terem, como se costuma dizer. Mas é uma

A greve marítima em Inglaterra

30.000 trabalhadores em luta

LONDRES, 22.—Ainda a ameaça duma greve imediata dos mineiros de Inglaterra não desapareceu totalmente, já se esboça um novo conflito com as classes marítimas.

Os marinheiros e os fogueiros da marinha mercante puseram-se ontem em greve em Londres, em Southampton, em Hull, em Newcastle e outros portos.

Um grémio desse movimento, não oficial, segundo diz a imprensa britânica, está numa questão de salários.

Os Inscritos Marítimos decidiram não aceitar qualquer acordo com os armadores. Contudo, afirma-se por outro lado que se deve atribuir à agitação existente nos meios marítimos as causas mais profundas.

Que causas serão essas?

Os jornais dos ultra-conservadores ingleses não hesitam em falar dum «complot bolchevista».

Para essas asserções baseiam-se no facto de que a greve começou na Austrália, em Sidney, e que rapidamente se propagou para Brisbane, em Melbourne, Adelaide e Newcastle, sendo agitado um tal Walsh, que não esconde as suas simpatias moscovitas.

Mas, por outro lado, há quem airme que os Inscritos Marítimos ingleses estão muito descontentes com a atitude dos seus chefes da União dos Marítimos ou Sindicato dos Inscritos Marítimos por não se terem mostrado bastante energéticos e por não terem respondido, com firmeza, afirmativamente ao conselho geral dos «Trades Unions», quando este solicitou o apoio dos marítimos a favor dos mineiros que ameaçavam pôr-se em greve.

Seja como for, a situação não deixa de ser séria e vários navios já não puderam levantar ferro.

Uma tentativa feita pelos armadores para embarcarem equipagens compostas de homens não sindicados ocasionou em Gravesend inúmeras desordens.

Os grevistas organizaram em Londres, principalmente, um serviço de patrulhas para impedir os «amarelos» de entrarem para bordo dos navios que estavam para partir.

Como os armadores se recusaram a reconhecer a greve e a receber uma delegação dos grevistas, estes enviaram agentes para Southampton e Liverpool com o fim de fazerem aderir ao movimento os marítimos e fogueiros das grandes transatlânticas.

Calcula-se o número de grevistas em 30.000 para Londres e 15.000 para os portos de Hull e Newcastle o que prefaz uma totalidade de 30.000.

A guerra de Marrocos

Pétain e Lyautey conferenciam

FEZ, 26.—O marechal Pétain reuniu ontem de tarde o conselho de guerra com os generais comandantes dos vários sectores da linha de batalha do norte de África.

Hoje conferenciam em Rabat com o marechal Lyautey, antes deste partir para a metrópole, dirigindo-se depois o marechal Pétain para Meknes, onde vai instalar o seu quartel general.

Uma opinião francesa...

FEZ, 26.—60.000 franceses residentes em Marrocos enviaram um abaixo-assinado ao sr. Painlevé, manifestando a opinião de que todos os projectos de paz com os mouros são prematuros.

Ataque mouro repellido

FEZ, 26.—As tropas francesas, depois de vivo combate, repelleram um ataque do inimigo contra os postos avançados de Troules.

Um violento ataque dos rifenhos

TANGER, 26.—Os rifenhos, comandados pelo irmão de Abd-el-Krim, estão efectuando um violento ataque na região de Gues-sanc.

Let o Suplemento de A BATALHA

Aos nossos correspondentes e informadores

A fim de facilitar o serviço de redacção, convém que todos os nossos correspondentes, informadores, sindicatos, etc., ao dirigirem-nos os seus escritos atendam as normas seguintes:

- Escrever dum só lado do papel;
- Não fazer uso de tinta vermelha;
- Deixar, entre as linhas escritas, espaço suficiente para qualquer emenda;
- Expôr com clareza os assuntos que se propõem tratar, deixando para a redacção os comentários que julgarmos convenientes.

—As comunicações dos sindicatos que não venham carimbadas, às notícias dos correspondentes, queixas ou reclamações de particulares não assinadas, não se lhes dará publicidade. A redacção guardará o sigilo de nomes.

sementeira que gostosamente lança a esta terra sáfara de Samora, na certeza de que não virá longe o tempo em que mais alguém há de continuá-la, com mais carinho, com mais acerto e com mais competência.

Do que temos a certeza absoluta é que, de ora avante, quando mais alguém se inutilizar ao serviço da *Samorensis* ou da *senhora* companhia, talvez já não sejam precisos tantos conselhos para que os sinistrados ou suas famílias reclamem o cumprimento das leis que ao operariado interessam.

Nem sempre as vítimas de desastres hão-de ser filhos de empregados dos potentados ou de indivíduos que têm interesses ligados aos dois grandes colossos; porque esses têm medo de reclamar para não perderem as benesses com que os tartufos lhes amarram a consciência e a dignidade, ainda que esse procedimento signifique o mais completo desprezo pelo futuro dos filhos que tiveram a fatalidade de um dia se sentirem colhidos por uma das máquinas dos potentados algozes.

Temos fé no futuro que não vem longe e que há de tirar as ilusões a muita gente que vê nos colossos a única garantia da sua existência.

Serra FRAZÃO

A atitude da classe dos Caixeiros

Declarações importantes e incontestáveis produzidas em plena assembleia

O que vamos aqui tratar é um simples episódio, fugidio embora, mas significativo. É um aspecto focado através dum diálogo entre nós e um militante, um membro da actual direcção dos Caixeiros, que muito diz do espirito que anima aquele corpo directivo nesta questão de desagregação que andam empenhados os elementos comunistas, sem proveito visível para eles nem para nós, numa dispersão de forças em que só a burguesia aproveita, como tentaremos demonstrar, se a tanto nos ajudar a rudeza com que costumamos pôr todos os assuntos que nos apaixonam. Devemos, ainda, para esclarecimento, informar que nunca as paixões que nos colhem nos embolam a razão ao apreciar determinados factos.

Temos notado que somos dos poucos que se não prendem a determinada corrente, e, estando neste momento contra os comunistas, quanto à sua acção nefasta e para nós incompreendida, quanto a resultados, não nos atamos de pés e mãos à acção nem aos métodos seguidos pelos militantes das organizações centrais.

Duns e doutros discordamos. Nas bagagens quer duns quer dos outros encontramos um acervo de erros que nós talvez não fôssemos capazes de evitar, mas que não deixamos de reconhecer como erros. Há porém uma diferença entre os erros duns e doutros, o que não os tornando por forma alguma aceitáveis, extrema-os bastante: Os comunistas cometem erros de lesa-organização por má fé e invertidos interesses de partido; os sindicalistas revolucionários por falta de gente preparada para actuar, por incompetência dum maioria, às vezes por vista curta... nervosismo, e que sei eu... mas sem má fé, sem interesses de secta ou partido. Há muito que fazer e pouco quem saiba encarrar o momento. Há uma vaga de nervosismo que a todos nos colheu pelo mundo fora e nos leva a mediar a proceder em contradição com o nosso modo de ver, a errar, mas após o erro, em vez de termos a franqueza de o reconhecermos como tal tentamos ao contrário justificá-lo. Daí esta luta que supomos dirigida contra os outros e a nós próprios que nos Jerimos. Excesso de individualidade? Ignorância?

Talvez um estranho resultado da confusão destes dois sentimentos...

Deixemos porém tudo isto para mais largos tratos e vamos ao caso da assembleia dos caixeiros.

Não é o relato do que nessas assembleias se tem discutido, o que aqui vamos tratar, esse virá mais de espaço; é, como já dissemos, um simples episódio.

Corvo dizia, filosofando, que a classe caixeiral tem uma psicologia especial, e que é preciso saber levá-la na organização. A sua educação feita atrás do balcão, e por reflexo espiritual do patrão, leva o caixeiro a traduzir, a encarnar as ideias deste, na sua generalidade, e, portanto, a não simpatizar com a C. G. T., com o movimento operário, na sua face rude, que ele não conhece mas de que o patrão também não gosta.

E' preciso, pois, diz—manter a organização de classe com uma certa habiliabilidade e só por esse modo ela se poderá conservar ligada às centrais operárias.

Mas se assim é—o que de facto reconhecemos—lhe respondamos nós:—como é que sem má fé se vem trazer para a tela da discussão precisamente esse assunto; e como, se assim o reconhecemos perigoso, não só o traz a direcção e colocando-o dum modo irritante, porque vem ainda caudalada por uma massa inconsciente de votantes, não para arrumar a questão nomeando novo delegado, mas a fazer aparecer agravos que de facto não existem? Como se pode considerar a associação agravada com o gesto da C. G. T., não aceitando Diário Novo, político-militante, se foi esta Associação que, contra o preceituado no estatuto daquela organização, lhe quiz impôr um delegado que era taxativamente inaceitável?

Parece que—continuamos—dada a falta de simpatia que se reconhece que esse «pelo morto» de votantes nutre inconscientemente pelas relações desta com aqueles organismos, dado ainda o sentimento de coerência que essa direcção, pela palavra de Corvo, reconhece ser necessário manter, que é a estreita ligação citada, porque foi que se não tratou de arrumar a questão sem se servirem dessa manifestação psicológica-tacanha dum parte da nossa classe?

A isto Corvo responde concluindo:—Não sabemos se por não ter outra saída:—«E' que nós, a direcção, somos solidários com esse «pelo morto».

Isto é sintomático e nós procuraremos explicar o que esta frase encerra.

J. CAMPELO

MALAS POSTAIS

Pelo «paquete «Sierra Morena» são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência às 11 horas, recebendo-se as registadas até às 9 horas.

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha».

A mão de obra em São Tomé

No próximo sábado deve ter uma demorada conferência com o ministro das Colónias, a Junta de trabalho e emigração, por causa da questão da mão de obra para São Tomé, em vista dos graves prejuízos que a agricultura daquela província está há muito sofrendo por falta de braços.

O choque de Belém

A comissão do Sindicato dos Ferrovieiros da C. P., avistou-se ontem com o sr. Teixeira de Queiroz, director da Fiscalização da Exploração de Caminhos de Ferro, acerca da situação do praticante João Gomes Serra, que se encontra preso na cadeia do Limoeiro, visto lhe constar que o assunto dependia daquela entidade. Aquele senhor prometeu à comissão que iria averiguar do caso e marcou uma nova entrevista para sábado próximo, a fim de dar uma resposta concreta.

Cirineus policiais

Os industriais de Olhão mandam uns poucos agentes prender operários por agitadores

De Olhão enviam-nos o seguinte telegrama:

«Estão presos José Maria Canoa, João Pereira e Virgílio Tavares, acusados de agitadores, conforme relato enviado.—Correspondente».

Conforme ontem noticiámos, na nossa secção de «Províncias», foram uns agentes de Lisboa a Olhão para investigar quem eram os agitadores da localidade e, com a sua reconhecida argúcia, descobriram logo em João Pereira, operário da indústria de conservas, um elemento perigosíssimo, prendendo-o e fazendo-lhe as mais disparatadas acusações.

Os outros dois operários, citados no telegrama, pertencem também à indústria de conservas. Isto não faz senão confirmar o que já ontem dissemos sobre o assunto.

Estas prisões fíliam-se em factos originados pela última greve naquela indústria, em Olhão.

Os operários que foram trabalhar, traindo os seus camaradas em luta, informaram os industriais do que se passara na reunião da classe.

Estas prisões não representam senão uma mesquinha e torpe represália dos industriais contra os operários que mais se salientaram na defesa dos interesses e justos direitos da classe a que pertencem.

O baixo procedimento desses cavalheiros só pode causar repugnância a todos quantos não vivam do suor e depauperamento físico do seu semelhante.

E com parvoíces desta natureza que a polícia tem criado legiões intermináveis de agitadores, bandidos, indivíduos perigosos, etc., etc.

A terra treme

LONDRES, 26.—Uma serie de abalos sísmicos sacudiu todo o vale de Rhymney, no sul de Gales.

CAMARA MUNICIPAL

A assistência aos tuberculosos

Sob a presidência do dr. sr. Marques da Costa, realizou-se ontem a sessão ordinaria da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa.

Foi aprovada por unanimidade a seguinte proposta do vereador sr. Manuel Freire da Cruz.

«Considerando que a tuberculose é uma das doenças que maior numero de vítimas está fazendo ao nosso país;

Considerando que são da mais alta importância os benefícios serviços prestados pela Assistência Nacional aos Tuberculosos, especialmente à população de Lisboa;

Considerando que em virtude da desvalorização do escudo é, presentemente insignificante o subsidio anual de 6.400\$00, com que esta Câmara concorre para o Fundo da Tuberculose;

Propõe:—Que no orçamento ordinário para o proximo ano de 1926 se inscreva a verba de 48.000\$00 para o Fundo da Tuberculose.

Mussolini aeronauta de gabinete

ROMA, 26.—O conselho de ministros instituiu o ministério da Aeronautica, propondo ao rei que a sua gerência interina seja confiada ao sr. Mussolini.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de «A Batalha». (Desconto aos revendedores).

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição — Preço 2\$00, pelo correio 2\$50. Devidos a administração de «A Batalha».

NA CASA DO SENHOR...

MADRID, 26.—Na igreja de La Concepción foi presa uma mulher que agrediu o sacerdote que estava oficiando. Ignoram-se os motivos da agressão.

TEATRO APOLO

Empresaria Luis Russ, Limit.ª

HOJE, 27 [Telef. N. 4129]

Estreia do popular drama

O Conde de Monte Cristo

Nos principais papeis: Ilda Stichini e Rafael Marques

TIVOLI

TEL. N. 3474

ÀS 3 HORAS DA TARDE

Matinée

Distribuição de balões às crianças

A HERANÇA DO MIUDINHO

Realização em oito partes do romance de Carlos Dickens

«OLIVER TWIST»

interpretado por Jackie Coogan

Duas ciné farças

Um film de sport

Um documentário

ÀS 8 HORAS E 3/4

O mesmo programa

O ASILO MARIA PIA ANDA Á MATROCA

Fomos ontem procurados pelas pessoas visadas nas informações que temos publicado acerca do Asilo Maria Pia. Trouxeram-nos duas cartas que nada adiantam sobre o que aqui se disse e nelas os visados afirmam serem inexactas as acusações formuladas.

Evidentemente que nós não podemos nem queremos eternizar um «dize tu, direi eu» absolutamente estéril. Por isso mesmo resolvemos pôr hoje ponto no assunto, provisoriamente. Limijamo-nos por dever de lealdade a dizer que os dois visados, replem nas suas cartas as acusações que lhes são formuladas, sustentando um deles que ninguém tem o direito, sem o provar, de duvidar da sua conduta moral.

Logo que tenhamos oportunidade iremos constatar da veracidade das informações aqui publicadas e quando o fizermos não consentiremos a ninguém que nestas colunas venha estabelecer polémica connosco. Possuimos a idoneidade moral e mental suficientes para nos dispensarmos de irmos pedir, seja a quem for, os olhos e o bom senso que possuímos.

Caprichos vulcânicos

ATENAS, 26.—A erupção do vulcão Santoutim recrudescceu ontem.

Duas novas ilhas apareceram junto às duas já existentes há dias.

ROMA, 26.—O Vestívio entrou em actividade.

EFEITOS DO ALCOOL

Um indivíduo embriagado agrediu outro com três facadas

Em Camarate existe, estabelecido com barbearia, um indivíduo de nome Gregório que por vezes se embriaga, dando-lhe o vinho para embriagar com quem encontra. Ontem à noite entrou ele, já um tanto ébrio, no Clube da localidade, onde estavam num ensaio, e ali se dirigiu menos convenientemente a algumas das pessoas presentes, as quais, conhecendo já o seu hábito, não lhe ligaram importância pelo que ele se retirou. Tendo-se pouco depois encontrado com José Peres, de 30 anos, carpinteiro, natural e residente em Camarate, que também se encontrava no Clube na ocasião em que ali esteve o barbeiro, este dirigiu-se-lhe, trocando-se entre os dois algumas palavras azedas a meio das quais ambos se envolveram em desordem, da qual o Peres saiu ferido com três grandes facadas, nos braços e na mão esquerda, evadindo-se o agressor. O ferido foi transportado num auto da Cruz Vermelha ao Hospital de São José, em cujo Banco lhe foi amputado um dedo, recolhendo a casa depois de devidamente pensado.

A lei sêca...

NEW YORK, 26.—Durante o ano fiscal findo em 30 de Junho, a polícia prohibitionista apreendeu bebidas alcoólicas no valor de 100 milhões de dólares.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Faleceu Gertrudes das Neves Moedas, mãe de José Pedro Moedas, —manufactor de calçado, e de Tiago Fernandes Moedas, tipógrafo do *Diário de Notícias*.

O funeral realizou-se hoje, às 15,30 horas, da rua de Santo Estevam, 47, 1.ª, para o cemitério do Alto de São João.

FALCIMENTOS

Faleceu, em Ferreira do Alentejo, Maria José Parreira Tristão, solteira, com 22 anos de idade.

A falecida possuía um espirito liberto de todos os preconceitos religiosos e pleno dos mais belos ideais de emancipação humana.

Era irmã de Francisco Pereira Tristão. Na enfermaria de Santo António, do Hospital de São José, faleceu ontem Germano Martins, de 26 anos, fogueiro na fábrica de preparação de ossos, no Senhor Rombado (Odivelas) e residente na calçada do Chafariz, n.º 1, em Sacavém de Cima, e que, como noticiámos, caiu na mesma fábrica dentro de uma caldeira com água fervente.

Na enfermaria do Hospital de São José faleceu ontem de manhã Robert Stern, aquele médico alemão que há dias, no Tejo, a bordo do vapor «Artas» da mesma nacionalidade, onde seguia sob prisão de Constantinopla para Hamburgo, foi misteriosamente ferido com um tiro que o atingiu no ventre.

GOUVEIA, 24.—Faleceu ontem no hospital desta vila António dos Santos Ribeiro, estimado militante operário da localidade.

O seu corpo foi transportado para a sede do Sindicato. Textil, donde saiu o funeral, que, a seu pedido, se fez civilmente.

A classe operária fez-se largamente representar, falando vários militantes no cemitério.

Menor desaparecido

Há cerca de um ano desapareceu do Monte da Bordoieira, freguesia de São Brás do Regedor, um rapazinho orfão de pai, e cuja mãe faleceu pouco depois do seu falecimento, sendo de há muito procurado por seus tíos.

Chama-se Romualdo, tem cerca de 13 anos e é forte.

Quem saiba do seu paradeiro fará o favor de comunicá-lo para Manuel Doni ngos, rua do Cano, 13, Évora.

Contra o ópio

Pela Direcção Geral de Saúde, vai ser expedida uma circular aos delegados de saúde no sentido de que, com a maior urgência, promovam que pelas respectivas sublegacias se realize a precisa fiscalização para verificar quais os drogistas, armazéns ou depósitos que se dediquem ao comércio de ópio e seus derivados, que deixaram de observar as formalidades exigidas no diploma que regula aquele comércio. A fiscalização tem por fim fazer recair as sanções legais sobre aqueles que deixaram de observar as referidas formalidades. A fiscalização também é extensiva às farmácias, para também se averiguar se têm cumprido as disposições que regulam o assunto.

Na Manutenção Militar

Os mutilados da guerra vilmente explorados e escarnecidos

Alguém que bem conhece o que se passa dentro da Manutenção Militar, informa-nos de casos desumanos que ali estão ocorrendo.

Naquele estabelecimento estão empregados alguns mutilados em serviço, cuja situação é difícil, visto que, auferindo a insignificante de 235 de reforma, por incapacidade física, só eventualmente auferem a mais uns escassíssimos escudos que apenas lhes permitem morrer de fome em troca de trabalho que diariamente ali executam.

Os oficiais que superintendem aquele serviço, além de não atenderem às reclamações dos pobres mutilados, perseguem todos aqueles que exteriorizam os seus lamentos ou protestos, colocando-os na horrível contingência de se verem na rua sem que alguém os empregue, porque são mutilados, e apenas atidos aos 235 da reforma.

Não seria rudimentarmente humano que estes homens, incapacitados ao serviço da pátria, fossem por ela contemplados... de forma a não morrerem de fome, ficando abrangidos pela lei 10.099 que estabelece a remuneração a mutilados da guerra?

Um acto indigno

Francisco Martins, operário da Parceria dos Vapores Lisboenses, enquanto ontem, após a largada, estava lavando-se, tiraram-lhe do casaco uma carteira que continha 205\$00 em dinheiro e alguns documentos que lhe fazem muita falta.

Não sabe quem foi, mas lamenta que quem tão indigno acto praticou não atendesse aos prejuízos que ele lhe acarreta.

Pede à criatura que assim procedeu que, ao menos, lhe envie os documentos para a nossa redacção.

ESPERANTO

Fundou-se em Lourenço Marques a «Esperantista Sociedade Nova Africa», com sede provisória no «Seaman's Institute» Deve-se o grande movimento esperantista que lava na nossa colónia, muito principalmente ao nosso samidcano sr. Xavier Valente, que tem conseguido reunir em volta de si nomes dos mais cotados e chamar o interesse para a ideia de pessoas com os srs. Norton, Barradas e outros.

Rendimentos dos operários

Na enfermaria de Santo Onofre do hospital de São José, deram entrada Raúl de Almeida, de 29 anos, natural de Vizeu, residente na Azinhaga das Foneças, fábrica Holandesa, e que ali foi colhido por uma viga ficando contuso pelas pernas, e Aristides Anastácio, de 27 anos, jornaleiro, natural de Aviz residente nas Galveias, e que ali foi colhido por um machado quando com ele rachava lenha, ficando ferido no pé esquerdo.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinal, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de «A Batalha».

VIDA ANARQUISTA

Grupo de Acção Anarquista.—Acaba de se constituir em Castelo Branco um grupo anarquista com este título. Na sua primeira reunião resolveu aderir à U. A. P. e à Federação Anarquista da Região Central. Propõe-se exercer uma acção de carácter geral no meio em que vive e colaborar em todos os trabalhos de carácter colectivo da organização anarquista. Toda a correspondência deve ser enviada para: Francisco Luis Júnior, Rua do Arco, 18, 1.º Castelo Branco.

Agressões

No Banco do hospital de São José, receberam curativo e recolheram a casa, António Quaresma, de 12 anos, residente na rua da Bombarda, 6, que foi agredido na rua do Forno do Tijolo, ficando ferido na cabeça, e Abel da Silva Coelho, de 24 anos, natural de Arganil, rua Penha de França, 200, B, carpinteiro, agredido à porta da residência, por um indivíduo seu desconhecido que lhe arremessou com uma pedra ferindo-o no rosto.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

A BATALHA

O governo só tem um caminho digno a seguir: fazer regressar imediatamente os deportados à metrópole.

HIGIENE INDUSTRIAL

(Tese a apresentar ao I Congresso Confederal, IV Nacional)

Em pleno regime capitalista a saúde do proletariado industrial está perfeitamente à mercê das condições em que se exerce o trabalho. O patrão, em regra, não está animado do sincero desejo de preservar os operários dos agentes que contribuem para as suas doenças e os acometem.

Em Portugal, especialmente, só um reduzido número de industriais vai começando a construir ou a reformar os lugares de trabalho, dotando-os com algumas das condições higiénicas indispensáveis à saúde dos operários.

Na grande maioria dos casos, porém, os lugares de trabalho, fábricas, oficinas ou ateliês, nos grandes como nos pequenos centros de produção industrial, não oferecem condições algumas de higiene e é assim que as doenças se geram no seio da família trabalhadora e algumas delas, como a tuberculose, chegam a assumir proporções de flagelo, que por vezes e em certos meios disparam inúmeros trabalhadores.

Contra este estado de coisas, tem que agir o proletariado organizado, já que, se assim não fizer, continuará a ser vítima do abandono a que tem sido votado, tanto por parte do patronato como pelos corpos médicos de sanidade.

E que a saúde constitui a maior, a única riqueza do trabalhador. Da saúde depende a capacidade de trabalho, e, por consequência, os meios de vida de cada um. E também a origem da energia necessária à tenacidade nas reivindicações e à perseverança na luta e no ideal. A saúde deve ser considerada como primeira condição da acção proletária na mais ampla acepção da palavra. A sua conservação assume, por isso, o carácter de uma necessidade individual e de um dever social.

Mas a própria acção profissional põe em perigo a saúde. As estatísticas da morbilidade e natalidade, que em certos países, como a Inglaterra, estão organizadas por profissões, mostram que os trabalhadores industriais adoecem com mais frequência e morrem em maior quantidade do que a gente de outros grupos da população.

As profissões, na verdade, exercem-se à custa da energia viva. Portanto, como poderosos modificadores da vitalidade que são, podem, sendo mal praticadas e instaladas, aumentar a receptividade para as doenças e apressar o termo da existência.

Dia a dia, hora a hora, quer da maneira de trabalhar, quer da duração e do ambiente de trabalho, derivam um certo número de influências que actuam sobre os proletários, enfraquecendo-os, consumindo-lhes a vida, atormentando-lhes a existência. E um inimigo permanente que nos espera sem descanso e nos assalta constantemente. Contra ele nos devemos mobilizar: tanto mais que, grande parte das suas investidas, na opinião autorizada de ilustres higienistas, são perfeitamente evitáveis, como prova, aliás, a experiência dos povos mais adelantados.

Neste, como em todos os casos de luta proletária, temos de contar só com o nosso esforço para a luta, porque só da nossa acção consciente pode resultar a eficaz defesa da nossa saúde.

Importa, pois, conhecer com exactidão os malefícios de cada fábrica, oficina ou atelier para os combater e evitar. São de três origens os perigos profissionais, pelo que respecta à saúde. Provenem uns do próprio comportamento dos operários, durante o trabalho e no decurso das folgas. Derivam outros dos instrumentos de trabalho e das matérias primas. E deve contar-se ainda com os que tratam do estado dos locais de trabalho.

O primeiro grupo de perigos referente ao comportamento dos operários reveste as mais variadas formas. A frente de todos colocam-se os que derivam da má alimentação. Efectivamente, a chamada ração de trabalho, conforme numerosos, inquéritos e investigações científicas tem demonstrado, necessita ter uma composição adequada a cada espécie de acção. A correcta combinação dos alimentos é um dos factores principais da eficiência das refeições dos trabalhadores. A regularidade das horas em que são tomadas essas refeições, a higiene dos locais, dos respectivos refeitórios, possuem também um valor considerável. Mesmo dentro dos nossos actuais recursos, a pesar do patronato nos tornar deficientes, pode-se, com o auxílio de técnicos especializados, obter refeições mais apropriadas às necessidades do organismo e às exigências do excesso de seu funcionamento que o trabalho provoca.

A seguir, dentro ainda deste grupo, vem a atitude do trabalho. O corpo, como as máquinas, tem uma posição e um andamento perfeitos que precisam ser estudados. Por isso, da maneira e da intensidade do trabalho derivam os maiores males que prejudicam a vida de quem trabalha. Estudos feitos em laboratórios e fábricas mostram que para cada acto profissional há uma posição melhor de que as outras e um andamento mais eficaz. A experiência provou também que raras vezes, por tentativas e por si mesmos, os operários chegam a achar e a adoptar a posição e o andamento mais convenientes. E, no entanto, todos conhecemos, por lições sofridas das dolorosas consequências, os males derivados das más posições de trabalho e da incorrecta gradação dos esforços.

Ninguém ignora que há atitudes que acabam por aleijar, deformando os membros e os órgãos. Precisamos, por isso, de colaborar com os técnicos capazes para a deter-

minação das melhores atitudes e dos melhores andamentos da máquina humana, em cada ofício.

Devemos depois adoptá-los com rigor e tenacidade, porque tanto de uma como de outro dependem a nossa resistência e a nossa saúde.

Por fim, a forma de utilizar as folgas possui também uma acção considerável. O trabalho deixa atrás de si, dentro dos organismos, um deficit proveniente das matérias consumidas e um saldo de resíduos, cuja permanência dentro deles os envenena e debilita. O repouso adequado é tão essencial à remoção destas consequências do trabalho, como a abundância e a oportunidade da alimentação.

A forma de repousar é, por igual, duma notável importância. De modo que precisamos de conhecer e praticar com rigor as regras mais adequadas a repousar.

O conjunto de actos que constitui o comportamento de trabalho dos operários—o tipo e a regularidade das refeições, a posição e o andamento dos organismos, a forma e a duração ou repouso—só pode tornar-se favorável à saúde se nós lhe consagrarmos o interesse necessário, transformando-os, de automatismos cegos, em esforços conscientes. Se precisamos do auxílio dos técnicos nesta matéria, não podemos dispensar-nos de uma colaboração atenta e intensa com eles.

O conhecimento, a prática das melhores regras são operações activas da nossa inteligência e correspondem mesmo às nossas necessidades. Adquiri-los e adoptá-los são a nossa obrigação, se não quisermos ser os melhores auxiliares dos nossos inimigos sociais de classe, debilitando-nos e enfraquecendo-nos todos os dias.

Os perigos derivados dos instrumentos de trabalho e das matérias primas são também geralmente conhecidos. Cada ferramenta e cada máquina deve adaptar-se perfeitamente às disposições orgânicas dos operários que as manejam.

Na própria prática industrial—refere-nos um higienista ilustre—o engenheiro norte-americano F. Taylor, o célebre inventor do *tailorismo*, pôs em evidência a necessidade desta adaptação. Como sucede correntemente entre nós usava-se, por exemplo, numa exploração que dirigiu o mesmo tipo de pá para baldear materiais de peso diferente. Por consequência as pás comportavam sempre o mesmo volume, quer o material fosse leve ou pesado.

Após um estudo consciente verificou que existe uma carga perfeita, isto é, um certo peso para o qual o esforço é menor e mais económico o consumo de energia viva. Fez, por isso, construir jogos de pás de dimensões diferentes, que levavam sempre, fosse qual fosse a densidade do material, a carga óptima determinada pela experiência. Isto pode e deve fazer-se com todas as ferramentas e máquinas, adaptando-as às necessidades humanas, em vez de escravizar, como sucede agora, os organismos às suas dimensões e formas.

(Continua)

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

A ofensiva dos sindicatos reformistas da Suécia contra os sindicalistas revolucionários

O movimento sindical reformista da Suécia tentou um golpe, porém não contra os capitalistas, mas contra o sindicalismo. Deu-lhe base para isto uma resolução do congresso da organização nacional reformista do ano passado, de acordo com a qual deviam ser transformadas as actuais organizações de ofício em federações de indústria. Essa transformação devia-se executar no prazo que vai entre o congresso e fins de 1925. Nisto vieram os sindicatos reformistas um pretexto excelente para fazer frente aos odiados sindicalistas. Nalgumas indústrias como, por exemplo, na indústria metalúrgica, na da alimentação, na do papel e do celuloide, os reformistas, não só apresentaram aos operários das organizações reformistas de ofício, mas também aos sindicalistas, as suas exigências de dissolver as suas organizações por ofício, e de ingressar em novas organizações por indústria. Nisto há porém a notar, que o movimento sindicalista na Suécia, S. A. C., está baseado no princípio das federações por indústria, de forma que não existe fundamento algum para o pedido dos reformistas.

A verdadeira causa é preciso procurá-la noutra parte. A S. A. C. encontrou bom acolhimento em todas as indústrias, e nalgumas das mais importantes são as organizações sindicalistas as mais fortes, como, por exemplo, na indústria da construção civil, e nos «trabalhadores dos bosques», de certa importância na Suécia.

O mais notável é que os comunistas que quasi todos estão organizados nos sindicatos reformistas, considerados, no entanto, como organizações «amarelas» estão na primeira linha na luta contra os sindicalistas. A frente dessa luta contra o sindicalismo está a Associação Metalúrgica. A direcção desta associação está, em grande parte, nas mãos dos comunistas. Esses comunistas utilizam os sindicatos reformistas, para estabelecer a «frente única». Por outro lado, a comissão dirigente da organização nacional reformista recomendou às suas organizações aderentes, que não cooperem com as organizações sindicalistas. E os comunistas, os representantes da «frente única» rompem, justamente, a frente única com os trabalhadores revolucionários, como prova do seu amor aos sindicatos reformistas.

É natural que os sindicalistas resistam a esses intentos usurpadores dos reformistas. É completamente falso que os sindicatos reformistas se tornem organizações de luta mais adequadas depois da transformação em federações de indústria. Permanecerão sindicatos de ofício, a pesar da transformação, havendo só a diferença de serem em proporções mais vastas; com isso, porém, não oferecem nenhuma perspectiva melhor para a luta eficaz contra o capitalismo nem de ter mais em conta os interesses do proletariado.

Os sindicalistas defendem, claro está, o seu direito a formar uma organização independente. Contra a acusação dos reformistas de que eles são scissionistas, os sindicalistas respondem que não podem apresentar a mínima prova de que tenham agido sem ser solidários com os outros trabalhadores, pois que têm estado sempre dispostos a fazer causa comum com todos os trabalhadores em face do capitalismo.

Os reformistas não são capazes de apontar um só caso em qualquer indústria em que as organizações sindicalistas tenham sido um obstáculo na luta contra o patronato; ao contrário, os sindicalistas podem mencionar uma infinidade de exemplos de que em todas as lutas, ainda que começadas pelos reformistas, desenvolveram eles actividade, contribuindo, pela sua acção, para favorecer o resultado vitorioso das lutas dos trabalhadores.

Os sindicatos reformistas, temem, sem dúvida, que as organizações sindicalistas cresçam, e possam interessar cada vez mais os vastos círculos dos trabalhadores, e isto significa naturalmente uma diminuição dos membros das organizações reformistas. É este o motivo porque, sob o pretexto dum transformação da sua forma de organização, puseram em acção essa campanha, cujo fim consiste em destruir o movimento sindicalista.

Está, porém, fora de dúvida que os reformistas fracassaram com o seu projecto. As organizações sindicalistas estão dispostas a defender-se contra esse infame ataque. Prepararam-se em todas as partes para resistir ao golpe, e pode-se dizer, com segurança, que essa ofensiva contra o sindicalismo está condenada a uma derrota.

PROPAGANDA SINDICAL

Mobiliários de Guimarães

Deram a sua adesão ao Congresso Confederal

GUIMARÃES, 25.—Reuniram, em assembleia magna os operários da indústria do mobiliário com a assistência de delegados da Delegação Confederal do Norte e do S. U. Têxtil do Porto.

Depois de vários camaradas referirem as vantagens que os trabalhadores têm em integrar-se nos princípios sindicalistas e a necessidade do sindicato se fazer representar no Congresso de Santarém, foi aprovada por unanimidade uma moção, pela qual o Sindicato dos Operários da Indústria do Mobiliário de Guimarães dá a sua adesão ao Congresso Confederal, sendo nomeado delegado Luís Garcia Martins.

Rurais de Alter do Chão

Votaram a adesão aos Congressos Federal e Confederal

ALTER DO CHÃO, 25.—Na sede da Associação dos Trabalhadores Rurais desta vila efectuou-se ontem uma importante sessão de propaganda dos Congressos Rural e Confederal.

Não obstante não ter havido tempo para fazer convite à classe para esta reunião, a concorrência foi grande.

Alexio de Oliveira, da C. G. T., começou por condenar a atitude de indiferença que a classe rural desta vila vem mantendo, perante o seu sindicato, nesta época em que, mercê da grave crise de trabalho que assombra a classe, se torna necessária a união de todos os rurais para impedir que a miséria invada os seus lares; sobre o assunto foi aprovada uma proposta determinando a acção a desenvolver pela classe.

Proseguindo, o delegado da central operária, disserta sobre a importância dos Congressos Rural e Confederal, lendo algumas das teses a discutir nelas.

Aprovou-se uma moção dando a adesão aos dois congressos, ficando a nomeação do respectivo delegado para outra assembleia que deve realizar-se no próximo sábado, dia em que a maioria da classe se encontra na vila.

A sessão terminou no meio de grande entusiasmo, merecendo os assuntos ali debatidos, o apoio de alguns pequenos comerciantes a quem a curiosidade levou a assistir à sessão.—E.

SOLIDARIEDADE

Pró José da Silva Costa

Conforme já temos tornado público em *A Batalha*, encontra-se gravemente enfermo o nosso camarada José da Silva Costa, activo militante da Juventude Sindicalista e da organização sindical.

Em virtude da gravidade do seu estado que, segundo a afirmação duma entidade médica, especializada na sua doença, exige a sua imediata saída de Lisboa, viu-se esta comissão forçada a contrair um empréstimo que lhe permitisse atender a essa imprescindível necessidade e às despesas futuras respeitantes à sua estadia na província.

Agora, não só para atendermos ao pagamento desse empréstimo, como ainda para atendermos às despesas que estão tendo lugar com o tratamento daquele camarada e porque o produto que se obtem com listas de subscrição voluntária não nos permite dispensar este meio, vimos-nos forçados a promover a realização duma festa cujo produto venha ao encontro das necessidades a que esta comissão tem de atender.

A festa terá lugar impreterivelmente em 30 do corrente mês, encontrando-se bilhetes à venda na sede do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, calçada do Combro, 38-A, 2.ª, todas as noites das 20 às 23 horas. Estamos certos que todos os camaradas adquirirão bilhetes, auxiliando assim um camarada, desde que se lembrem que a sua vida depende da solidariedade que lhes for dispensada.

O programa da festa consta do seguinte: 1.ª parte—Representação do emocionante drama social em 1 acto «Bandidos», desempenhado por distintos amadores do grupo dramático Solidariedade Operária.

2.ª parte—Ilusionismo e prestidigitação, por M. Lingg, ilusionista moderno e parodista.

3.ª parte—Representação da fina comédia em 1 acto «A Teina», desempenhada por distintos amadores do grupo dramático Solidariedade Operária.

4.ª parte—Fados por oito dos melhores cultores.

A festa é abrandada pela tróica de bandolistas «Os Materlados».

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Corticeiros de Belém

Reuniram ontem com enorme assistência em assembleia magna esta classe afim de apreciar um officio da Federação Corticeira, no qual esta comunicava que os industriais tencionam fazer uma baixa de 20% nos salários. Falaram vários camaradas que indignadamente manifestaram-se contra a pretensão dos industriais corticeiros por ela constituir uma afronta à miséria do proletariado porquanto que a carestia da vida continua no mesmo estado. A assembleia por várias vezes demonstra não estar disposta a sentir qualquer extorção, sendo por fim aprovado por aclamação uma moção com as seguintes conclusões:

1.ª—Repudiar desde já a pretensão dos industriais.

2.ª—Comunicar esta deliberação à Federação Corticeira, dando-lhe o indispensável apoio para agir.

3.ª—Aguardar que a Federação Corticeira indique à classe o caminho a seguir de harmonia com a vontade da classe corticeira.

Os rurais de Cabeço de Vide dispõem-se a agir

CABEÇO DE VIDE, 24.—Realizou-se ontem no sindicato dos rurais uma sessão para tratar da crise de trabalho.

Falaram sobre o assunto Júlio Manuel Madeira, António Júlio Lú, Diogo das Neves e Manuel Angelo, que foram unânimes em reconhecer que a crise que ora se verifica se deve a torpes maneios do capitalismo depois do que se aprovou uma moção com as seguintes conclusões:

1.ª—Convidar toda a classe para em reuniões sucessivas apreciar este importante assunto; 2.ª—Reclamar das entidades competentes a colocação de todos os sem-trabalho; 3.ª—A classe como último recurso agirá junto do governador civil do distrito e do governo; 4.ª—Nomear uma comissão para pôr em prática as conclusões acima; 5.ª—Reclamar do governo que os terrenos incultos sejam cultivados, no mais curto espaço de tempo, para utilidade pública e atenuar a crise de trabalho.

Usou depois da palavra Artur Aleixo de Oliveira, delegado da C. G. T., que se referiu à falta de instrução que só aos que dominam convém para subjugar o proletariado, falando dos Congressos Rural e Confederal do interesse que devem merecer.

Voltou a falar Júlio Manuel Madeira que se referiu à falta de energia que muitas vezes tem prejudicado as classes trabalhadoras, sendo a seguir encerrada a sessão.—C.

Federação do Calçado, Couros e Peles

Continua a fazer-se sentir nesta indústria a crise provocada pela introdução no país do calçado de procedência estrangeira.

A Federação tem realizado *démarches* junto das entidades que superintendem no assunto, aguardando resposta definitiva que a habilite a decisões também definitivas.

INTERESSES DE CLASSE

Rurais de Portalegre

O alheamento dos seus interesses e necessidades.

PORTALEGRE, 25.—A situação dos trabalhadores rurais nesta localidade é bastante deplorável.

Não existe para eles horário de trabalho pois que trabalham diariamente 12 e 14 e mais horas, e tudo isto pelo salário espantosa e insignificante de 600.

E a classe não protesta não reclama, porque a sua ignorância é manifesta.

Em tempos devido à acção de esforços camaradas, o seu protesto enérgico e activo fez tremer os exploradores e recuar os ambiciosos.

Mas hoje tudo dorme, e não seria descabido que alguém os despertasse de tão pesado sono.—C.

Os taneiros de Vila Nova de Gaia aderiram ao Congresso Confederal

Reuniram em assembleia geral os taneiros de Vila Nova de Gaia que, entre outros assuntos, apreciaram uma circular demandada da C. G. T. sobre o Congresso Confederal.

Foi resolvido por unanimidade que o Sindicato aderisse ao Congresso tendo nomeado seu delegado o camarada Daniel Dias Pires.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 20,30 horas.

Câmara Sindical do Trabalho

DE LISBOA

Conselho Geral

Reúne amanhã, pelas 21 horas, o conselho de delegados, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.ª Discussão da tese sobre Câmaras Sindicais, a apresentar ao próximo Congresso Confederal.

2.ª Nomeação de delegados ao referido Congresso.

3.ª Preenchimento dos cargos vagos.

COMUNICAÇÕES

Liga dos Vendedores dos Jornais—Reuniu a comissão administrativa com a presença do delegado dos Vendedores de Jornais do Porto, para apreciar as «démarches» efectuadas junto de alguns jornais diários sobre as reclamações pendentes.

Em vista de ter de retirar o delegado do Porto, foi resolvido que este organismo prosiga até último o trabalho.

Corticeiros de Belém—Na assembleia ontem realizada foi nomeado para 2.ª secretário da direcção o camarada Manuel Guerreiro e para o conselho fiscal o camarada Ramos Seta. Para delegados a C. S. T. os camaradas José Amores e José Setúbal. Foi também nomeada uma comissão de melhoramentos afim de tratar dos interesses da classe, a qual ficou composta pelos camaradas Pedro da Glória, Emiliano Jora, António Bento, João Sebastião, Manuel dos Santos, Pedro Pagueira e António José Setúbal.

Também se tratou da nomeação do fiscal das cortiças para o mês de setembro.

Sindicato Único Metalúrgico—Secção de Belém.—Reuniu a comissão administrativa, tendo resolvido preencher os cargos vagos da forma seguinte: Secretário arquitecto, António José de Oliveira; Vogais, Maurício Guerreiro e Alberto Rodrigues. Foi tratado a forma como se vem praticando várias arbitrariedades sendo resolvido convidar os operários dessa fábrica a nomear um delegado a fim de esclarecer esses casos. Sendo necessário fazer uma estatística das oficinas e fábricas metalúrgicas que existem na área da Secção, para que depois se faça a sindicalização de todos os metalúrgicos que nelas trabalham, foi resolvido fazer «démarches» para se conseguir a nomeação dum delegado por oficina.

Notando-se a falta duma biblioteca em condições de fazer rar a instrução ao operariado de Belém, foi resolvido levar a efeito um festival para esse fim e fazer um apelo a vários escritores que queiram oferecer algumas das suas obras.

A comissão administrativa reúne novamente na próxima terça-feira, para continuação dos trabalhos pendentes.

Impressores Tipográficos.—Reuniu a direcção, resolvendo que a assembleia geral para apreciar as teses a discutir no Congresso Confederal e nomear os respectivos delegados se efectue no dia 2 do próximo mês.

Entrando-se na ordem de trabalhos, apreciou-se um officio do Sindicato do Porto sobre a realização da Confederação Mobiliária em Santarém, durante o qual foi aprovado um festival para esse fim e fazer um apelo a vários escritores que queiram oferecer algumas das suas obras.

A comissão administrativa reúne novamente na próxima terça-feira, para continuação dos trabalhos pendentes.

Impressores Tipográficos.—Reuniu a direcção, resolvendo que a assembleia geral para apreciar as teses a discutir no Congresso Confederal e nomear os respectivos delegados se efectue no dia 2 do próximo mês.

Entrando-se na ordem de trabalhos, apreciou-se um officio do Sindicato do Porto sobre a realização da Confederação Mobiliária em Santarém, durante o qual foi aprovado um festival para esse fim e fazer um apelo a vários escritores que queiram oferecer algumas das suas obras.

A comissão administrativa reúne novamente na próxima terça-feira, para continuação dos trabalhos pendentes.

Impressores Tipográficos.—Reuniu a direcção, resolvendo que a assembleia geral para apreciar as teses a discutir no Congresso Confederal e nomear os respectivos delegados se efectue no dia 2 do próximo mês.

Entrando-se na ordem de trabalhos, apreciou-se um officio do Sindicato do Porto sobre a realização da Confederação Mobiliária em Santarém, durante o qual foi aprovado um festival para esse fim e fazer um apelo a vários escritores que queiram oferecer algumas das suas obras.

A comissão administrativa reúne novamente na próxima terça-feira, para continuação dos trabalhos pendentes.

de Guimarães, Porto, Delegação Federal, que foram tomados na devida consideração.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE: Federação Mobiliária.—A's 17,30 horas, a Comissão Administrativa, para assuntos urgentes.

Operários municipais.—A's 20,30 horas, as comissões de melhoramentos da caixa de solidariedade.

Mestres, marinheiros e moços da Marinha Mercante.—Em continuação de trabalhos, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: situação da Federação Marítima ante a C. O. T.; adesão ao Congresso Confederal; outros assuntos de interesse para a classe.

Sindicato dos pescadores de camarão e marisco do porto de Lisboa.—A assembleia geral, pelas 16 horas, na rua da Esperança, 222, 1.ª.

Compositores tipográficos.—Pelas 18 horas a direcção e o conselho fiscal.

Trabalhadores de Limpes e pinturas de navios.—A comissão administrativa pelas 20 horas.

DIAS PRÓXIMOS: Liga dos Oficiais da Marinha Mercante.—Reúne amanhã pelas 15 horas a secção dos Oficiais Náuticos.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Sindicato dos Taneiros de Vila Nova de Gaia.—Reuniram em assembleia geral os taneiros de Vila Nova de Gaia para apreciar a questão do vazilhame de torna viagem. Foi resolvido dar todo o apoio a um movimento tendente a acabar com o vazilhame de torna viagem.

Foi também apreciada a intenção dalguns industriais que pretendem levar à prática uma redução de salários, sendo resolvido opor a mais enérgica resistência a essa pretensão.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Secretariado Central.—Reuniram ontem tendo apreciado assuntos de carácter interno e resolvido publicar a seguinte

NOTA OFICIOSA

Em *A Internacional* de 8 do corrente mês, constatou o Secretariado Central do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa que num artigo intitulado «A unidade sindical do Sr. M. J. de Sousa ou 9 dias de trabalho exaustivo» se alude à acção dos jovens sindicalistas de Évora, Lisboa, etc., como se verifica pelo trecho que transcrevemos a seguir:

«Aberta a sessão do Conselho Central com a sala repleta de jovens sindicalistas de bengalões no braço—esta aguerriada fanteia foi arranjada pelos menores cão do burgo e tem idénticas missões de coacção e de claque que as de Lisboa...» etc.

«Parece quererem os signatários de tal artigo dar a entender naquela sua infeliz passagem, ao leitor crédulo e incauto, que os Núcleos das Juventudes Sindicalistas são corpos aguerriados e convenientemente apetrechados com a missão de, às ordens de qualquer mentor ou chefe, violentarem quem serentamente pretende discutir ou resolver assuntos de carácter sindical ou de qualquer outro.

Se não estivéssemos já acostumados à baixa das insidias e calúnias habitualmente bolsadas naquele jornal, ficaríamos estupefactos ante a ousadia de tal insinuação, torpe e vil, como, porém, o sabemos feril nesse costumes, resta-nos só repudiar altivamente, pela parte que nos cabe, o que se pode apreender do trecho acima transcrito, e lamentar que haja criaturas que, podendo dar todo o seu esforço e toda a sua inteligência à causa dos trabalhadores, a obra da Emancipação Social, deem tão baixo na sua acção defeitiva e no ataque a quem discorda dos seus pontos de vista e dos seus processos, chegando ao ponto de contender com quem, como nós, jovens sindicalistas, nunca quisemos descer a apreciar a sua baixaza.

Lisboa, 26 de Agosto de 1925.

O Secretariado Central do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa

Secção de Belém.—Reúne hoje o Secretariado Secção, pelas 21,30 horas.

Secção Metalúrgica.—Reúne hoje, pelas 20,30 horas, a Comissão Executiva.

DENTES ARTIFICIAIS a 25000. Extracções sem dor a 15000. Dentaduras completas sem placa em «cauché». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.ª (Chiado)